

# Credores não têm medo de eventual vitória de Lula

Rosental Calmon Alves\*  
Correspondente

WASHINGTON — Banqueiros credores do Brasil e executivos de multinacionais com interesses no país acompanham com certa preocupação, mas principalmente com grande expectativa, o resultado da eleição de hoje. Embora alguns considerem a vitória de Fernando Collor de Mello a melhor alternativa, devido aos compromissos do candidato a favor da livre iniciativa, outros acham que o triunfo de Luís Inácio Lula da Silva "não será o fim do mundo". Na verdade, depois de tantos meses considerando Collor o grande favorito, os banqueiros passaram os últimos dias procurando avidamente qualquer informação para o cenário com Lula presidente.

Num coquetel oferecido quinta-feira à noite pelo Manufacturerers Hannover, em Nova Iorque, havia vários banqueiros e empresários preocupados com a eventual vitória do PT, falando dos temores de um rompimento radical do governo de esquerda com a comunidade financeira internacional. Um banqueiro que ocupa posição destacada num dos principais bancos credores do Brasil disse, no entanto, que cada vez que ele recolhe mais informações sobre a plataforma do PT o medo de uma radicalização num eventual governo Lula vai se dissipando.

"Estou acompanhando de perto a campanha e descobri que se o Lula for mesmo eleito isso não será o fim do mundo. Ele é hoje um político maduro e se distancia cada vez mais dos mais radicais do seu partido. Não me assusto muito com as promessas de campanha. Acho que vai acontecer como nos casos de Menem (presidente da Argentina) e Perez (Venezuela), que depois de eleitos ficaram mais moderados", disse o banqueiro, que deu a entrevista sob a condição de seu nome não ser citado.

"É verdade que o Collor é mais favorável à iniciativa privada", prosseguiu. "Mas o Lula não é o diabo. É um sujeito inteligente, como tivemos oportunidade de ver aqui em Nova Iorque (durante a visita do candidato em março deste ano), e está indo claramente para o centro. Não sabemos exatamente para que lado o Collor vai", acrescentou.



Um funcionário do governo Bush discorda. Ele disse que o programa de Collor sobre a dívida externa é muito mais detalhado do que o de Lula e tende a evitar mais o confronto. "Nós ouvimos com preocupação por exemplo as promessas da equipe do PT de que o governo Lula cortaria relações com o FMI. Na verdade, a campanha de Lula usa certas ideias de economia que até Raul Prebisch (economista argentino, que fundou no pós-guerra o modelo econômico latino-americano de substituição das importações) já tinha abandonado no fim da vida", disse o funcionário.

Outro funcionário americano disse que os Estados Unidos "não têm nada a temer das atuais eleições no Brasil. Para nós o importante é esperar para saber o que o país quer, que caminho deseja tomar", afirmou. A fonte disse que Lula certamente vai desagradar os Estados Unidos em matéria de política externa, principalmente devido a sua simpatia com os governos marxistas de Cuba e da Nicarágua.

Por outro lado, a avaliação de Washington é a de que uma vitória de Lula poderia abrir caminho a soluções nas divergências ecológicas sobre o futuro da floresta Amazônica — uma questão que deverá estar entre as mais importantes da pauta bilateral nos anos 90. "O PT está mais comprometido em seu programa do que o partido de Collor com as questões ecológicas e isso poderia resultar em medidas concretas num eventual governo de Lula", disse o funcionário.

O professor Riordan Roett, um brasileiro da Universidade John Hopkins e consultor do Chase Manhattan Bank, tem feito palestras para executivos de multinacionais e banqueiros interessados no Brasil. Ele colheu a impressão de que, nesses meios, "existe uma clara preferência pela vitória de Collor de Mello, devido às posições de Lula na campanha, a favor da moratória e contra as privatizações". No entanto, Roett observou certa preocupação entre banqueiros e executivos sobre Collor: "Alguns acham que o Collor é até mais imprevisível que o Lula, pois ele tem pouca experiência e não há como rastrear suas posições."

Colaborou o correspondente Manoel Francisco Brito